

Não é um jogo fora de casa

Concorrência estratégica dos EUA em sua própria vizinhança *

WALTER H. WARD JR.

Desde a Guerra Civil, os desafios de segurança dos EUA foram expressos tradicionalmente em termos de Norte e Sul, mas a partir da Segunda Guerra Mundial, o foco predominante mudou para o Oriente e o Ocidente. A Europa Oriental e o Oriente Médio foram definidos como o “Oriente”, enquanto hoje os desafios do Comando Indo-Pacífico dos EUA (INDOPACOM) são enquadrados como o Extremo Oriente. Por quase cem anos, um oceano, literal e figurativo, separou o país dos competidores estratégicos nesta orientação Leste-Oeste. No entanto, esse cenário passou por uma transformação significativa.

A concorrência estratégica está agora muito mais perto de casa e não está mais à espreita sob a superfície. A influência chinesa e russa na América Central e na América do Sul tornou-se altamente visível, à medida que eles se esforçam para criar divisões políticas, econômicas e sociais entre os EUA e seus parceiros regionais. Seus motivos não são altruístas nem mutuamente benéficos, mas sim parte de uma estratégia deliberada para aumentar seu próprio poder enquanto minam a influência dos EUA e desviam a atenção para longe de lugares distantes.

Felizmente, os EUA têm meios assimétricos para assegurar efetivamente vitórias na concorrência estratégica na América Central e na América do Sul, permitindo o sucesso a longo prazo. A chave está nas pessoas – os blocos de construção fundamentais do empreendimento. A Força Aérea dos EUA, liderando o caminho no desenvolvimento da força dentro do Departamento de Defesa, está equipando seu pessoal com habilidades linguísticas e técnicas adequadas para a missão atual. Este artigo investiga as maneiras como a China influencia os assuntos militares e econômicos na América Central e na América do Sul. Mais importante, ele fornece recomendações sobre onde os EUA têm vantagem competitiva assimétrica distinta e enfatiza a necessidade de uma ação rápida para assegurar que a concorrência estratégica retorne ao seu status de jogo fora de casa.

Ao explorar essas dinâmicas, este artigo visa reequilibrar o campo de atuação e fornecer recomendações estratégicas que permitam aos EUA assegurar um

*Co-publicado em inglês, espanhol e português em colaboração com o USAF Journal of Indo-Pacific Affairs.

resultado mutuamente benéfico enquanto protegem seus interesses na América Central e na América do Sul.

A influência militar furtiva da China na América Central e na América do Sul

A China tem buscado silenciosamente uma estratégia de longo prazo de exercer influência sobre os militares da América Central e da América do Sul. Em um artigo instigante para o Centro de Segurança Marítima Internacional, o capitão Steven Arango, do USMC, destaca a crescente influência da China alcançada por meio de investimentos na educação militar profissional de oficiais. Com base em um relatório da RAND, Arango revela que a China oferece cinco vezes mais oportunidades para a educação militar profissional do que os EUA, e essa disparidade continua a aumentar a cada ano.¹

Os temores levantados por Arango são ecoados por John S. Van Oudenaren e Benjamin E. Fisher, que enfatizam o investimento da China na formação militar profissional na América Central e na América do Sul. Referindo-se a um artigo de notícias de 2010 da Agência de Notícias Xinhua, Van Oudenaren e Fisher revelam que a China já havia treinado mais de 4.000 militares de mais de 150 países naquela época.² No entanto, eles alertam que a mera oferta de vagas em cursos não garante a integração sustentável ou a capacidade operacional. A pesquisa revela uma disparidade impressionante – enquanto os estudantes internacionais são expostos à história e à civilização chinesas, incluindo uma narrativa compartilhada da exploração colonial europeia, eles são segregados em grupos internacionais separados em vez de serem totalmente integrados com seus colegas do Exército de Libertação do Povo. Isso contrasta drasticamente com a experiência em instituições como a *Air University* e outros estabelecimentos de formação militar profissional, onde os militares internacionais estão totalmente integrados ao lado de seus colegas dos EUA.³

Nas instituições de formação militar profissional dos EUA, os EUA facilitam ativamente a integração irrestrita de estudantes internacionais, fornecendo uma avaliação inicial de aptidões em inglês. Este presente inestimável abre portas para esses alunos participarem plenamente de aulas ao lado de estudantes americanos e outros estudantes internacionais – um presente que continua beneficiando de muitas maneiras. No entanto, um contraste drástico surge ao examinar a experiência de militares internacionais que frequentam os *campi* de Estudos de Defesa da China.⁴

Nenhum esforço semelhante é feito para apoiar a integração de militares internacionais dentro do sistema chinês. Em vez disso, eles são segregados em classes conduzidas em seu idioma nativo, limitando o envolvimento direto com seus

colegas chineses. Além disso, as instruções e os materiais refletem em grande parte as posições oficiais do Partido Comunista Chinês (PCC), raramente permitindo perspectivas diversas.⁵ A disparidade não poderia ser mais pronunciada quando comparada à experiência da formação militar profissional em uma instituição dos EUA. Como estudante e como instrutor, testemunhei e participei de inúmeros debates intensos entre militares dos EUA e internacionais, promovendo uma compreensão mais profunda dos desafios e fortalecendo relacionamentos.

Apesar da disparidade na qualidade educacional, a China está inegavelmente fornecendo maior quantidade em termos de oportunidades educacionais. No entanto, ao retornar aos seus países de origem, esses militares trazem consigo conexões e ideologias que ampliam de forma tangível o alcance da influência chinesa, chegando à nossa própria porta. Ao ampliar o fosso entre nossos relacionamentos com nossos vizinhos mais próximos, a China ganha uma vantagem estratégica de concorrência como time visitante, enquanto nossa capacidade de impedir sua influência maligna no INDOPACOM está comprometida.

Essa sobreposição drástica destaca a importância de abordar a formação militar internacional. É imperativo que os EUA não apenas mantenham seu compromisso com a integração irrestrita, mas também expandam seus esforços para combater a crescente influência da China. Ao fortalecer relacionamentos, aprofundar a compreensão e oferecer uma experiência educacional competitiva, os EUA podem navegar efetivamente no cenário em evolução da concorrência estratégica em nosso próprio quintal.

A infiltração econômica da China

A China também está buscando ativamente um caminho semelhante economicamente, fazendo avanços significativos na América Central e na América do Sul. Dados do Comitê de Relações Exteriores da Câmara revelam que, embora o México e o Canadá continuem sendo os principais parceiros de comércio dos EUA, a China penetrou com sucesso nessas regiões, com o comércio aumentando 26 vezes entre 2000 e 2020. Além disso, as projeções indicam que esse crescimento dobrará até 2035.⁶ Esses ganhos não são surpreendentes quando se considera o investimento político substancial feito pelo presidente Xi Jinping. Desde que assumiu o cargo em 2013, o presidente Xi visitou a América Latina em 11 ocasiões, em contraste drástico com as meras cinco visitas presidenciais dos EUA à região incluídas nos registros históricos do Departamento de Estado até 25 de outubro de 2022.⁷

Além dos números, existe uma tendência mais relacionada à integração vertical, em que a China adquire estrategicamente setores importantes em vez de apenas comprar seus produtos. O Comitê de Relações Exteriores da Câmara destaca que

a China investiu US\$ 16 bilhões na Argentina, no Chile e no setor de produção de lítio da Bolívia.⁸ Além disso, a China é o maior investidor em sete das principais minas do Peru, controlando 100% de sua produção de minério de ferro e 25% de sua produção de cobre, incluindo duas das maiores minas. Esse investimento econômico facilitou a transferência de US\$ 634 milhões em equipamentos militares entre 2009 e 2019, abrindo caminho para a adoção de táticas de vigilância e de “autoritarismo digital” ao estilo da RPC por meio das redes da Huawei.⁹ Esses desenvolvimentos estão ocorrendo dentro de nosso terreno contíguo e invadindo constantemente cada vez mais perto de nossas fronteiras, levantando problemas econômicos e de segurança significativos.

As ambições econômicas da China encontraram desafios significativos ao lado de seus intercâmbios militares. Em um artigo recente publicado no *Wall Street Journal*, Ryan Dube e Gabriele Steinhauser lançaram luz sobre o estado em ruínas de muitos dos investimentos em infraestrutura da China na América Latina. Os países anfitriões da região não receberam os benefícios esperados, espelhando os padrões observados na África e na Ásia.¹⁰ Por exemplo, a maior usina hidrelétrica do Equador, construída com um investimento de US\$ 2,7 bilhões e financiada a uma taxa de juros de 6,9%, está perigosamente perto de deslizar montanha abaixo devido à erosão, apesar de ter sido construída por centenas de trabalhadores chineses que entraram no Equador entre 2010 e 2016.¹¹

A crescente influência militar e econômica da China em nosso hemisfério está nos forçando a enfrentar a concorrência estratégica em nosso próprio território. Essa mudança tem o potencial de diminuir nossa capacidade de competir efetivamente no INDOPACOM, uma arena onde temos interesses significativos e alianças de tratados. No entanto, ainda há uma oportunidade de mudar a maré, fortalecendo nossas relações tanto com o Norte quanto com o Sul. A união de nossas alianças e parcerias pode servir como facilitador vital para combater a influência maligna da China e proteger efetivamente nossos próprios interesses, assim como os interesses de nossos parceiros de aliança, na região do INDOPACOM.

Para alcançar essa meta, os EUA precisam reconhecer que o modo de guerra da China evoluiu. Precisamos fazer investimentos abrangentes na região em todos os domínios, reconhecendo a necessidade de concorrer em várias frentes. Além disso, os EUA devem capitalizar sua vantagem assimétrica, promovendo e alavancando conexões sociais. Ao investir estrategicamente, reforçar relacionamentos e abraçar laços sociais, os EUA podem navegar os desafios colocados pela influência econômica da China, aproveitar as oportunidades de benefício mútuo e proteger com sucesso nossos interesses e os interesses de nossos parceiros de aliança no teatro da INDOPACOM.

Lançando uma estratégia vencedora: combater a influência maligna da China em nosso quintal

Para combater efetivamente a China na SOUTHCOM AOR, os EUA precisam enfrentar a dura realidade de que o modo de guerra da China é significativamente diferente do que encontramos no passado. A China adotou uma abordagem abrangente de todo o governo, travando ativamente essa guerra e estendendo seu alcance pela América Central e pela América do Sul. Uma década atrás, o professor Stefan Halper, da Universidade de Cambridge, preparou um relatório não classificado para Andy Marshall no Gabinete de Assessoria Líquida do Pentágono, fornecendo uma extensa análise de 559 páginas. Este relatório detalhou a abordagem não apenas de todo o governo, mas também de toda a sociedade da China para avançar nos objetivos do PCC.

Uma dessas estratégias, conhecida como “As Três Guerras”, foi sancionada pelo Partido Comunista Chinês em 2003. Ele envolve guerra psicológica, guerra de mídia e guerra jurídica, também conhecida como “*lawfare*”. De acordo com Halper, essas três guerras são empregadas ativamente contra os EUA, com o objetivo de diminuir nossa capacidade de projeção de poder. Um dos principais argumentos subjacentes à análise é que a China utiliza as três guerras para “diminuir ou romper alianças regionais”, colocando em risco nossos interesses.¹²

Uma única história sobre a Cúpula das Américas de 2022, apresentada na versão em inglês do chinamil.com, revela explicitamente como as três guerras estão sendo empregadas na América Latina para interromper parcerias e melhorar a competição estratégica da China como um jogo em casa para os EUA.¹³ Quando até figuras proeminentes como o ator e o astro da *World Wrestling Entertainment*, John Cena, são obrigados a fazer um pedido de desculpas em vídeo em inglês e mandarim por se referirem a Taiwan como país, temendo impactos de fontes da mídia controlada pela China, torna-se evidente que as três guerras se entrincheiraram.¹⁴

Diante desses desafios, os EUA precisam adotar uma estratégia defensiva robusta para combater a guerra adotada pelo governo da China. Essa estratégia requer uma abordagem abrangente, fortalecendo parcerias, aprimorando as capacidades de guerra de informação e protegendo alianças regionais. Ao fortalecer nossas defesas e expor as táticas empregadas pela China, os EUA podem efetivamente resistir e neutralizar o impacto das três guerras. Por meio de resiliência e medidas proativas, podemos proteger nossos interesses e manter a estabilidade na SOUTHCOM AOR.

Um artigo recente na *The Economist* destaca uma mudança significativa na abordagem da China à América Latina. Os bancos de políticas da China deixaram de fazer novos empréstimos na região desde 2020, com até a Venezuela rece-

bendo crédito apenas por manter os embarques de petróleo para a China. Além disso, um estudo realizado pelo *College of William and Mary* revela que a região apresentou um número maior de transações canceladas ou suspensas da iniciativa Cinturão e Estrada em comparação com qualquer outra área, atingindo seu pico de investimento em 2014.¹⁵ No entanto, em meio a esses desenvolvimentos, a extração de minérios permanece constante, com as exportações da América Latina para a China, compostas principalmente de minérios e outras fontes naturais, aumentando 28 vezes mais entre 2017 e 2021 do que nos anos anteriores.¹⁶

Nesse contexto, surge uma oportunidade notável para os EUA adotarem uma abordagem abrangente de todo o governo, promovendo um futuro mais brilhante com nossos vizinhos mais próximos enquanto fortalece nossa posição na concorrência estratégica. Os dados indicam que os esforços da China na região não beneficiam efetivamente a nação como um todo, pois não conseguem gerar empregos locais e geralmente resultam em desmoronamento da infraestrutura. Essa contrarrrrativa, que lembra o colonialismo, apresenta uma realidade dura que pode ressoar facilmente. Ao associá-la a incentivos para que as empresas dos EUA façam investimentos de capital que beneficiem todas as partes envolvidas, podemos finalmente liberar todo o potencial de nossa própria região de maneira sustentável e mutuamente benéfica.

Por meio de parcerias estratégicas, prosperidade compartilhada e investimentos de longo prazo, os EUA podem criar um ecossistema regional próspero. Ao aproveitar o poder da colaboração e alinhar nossos interesses, podemos construir uma base para o crescimento e o desenvolvimento sustentáveis, abandonando as armadilhas da influência cada vez menor da China. Essa abordagem não apenas fortalece nossa mão na concorrência estratégica, mas também estabelece um cenário em que todos saem ganhando, promovendo um futuro resiliente e próspero para nós mesmos e nossos vizinhos.

Conclusão

As forças armadas dos EUA possuem um modelo louvável para desenvolver relacionamentos com parceiros internacionais por meio de formação militar profissional, mas é evidente que a manutenção da qualidade se tornou um desafio para acompanhar a quantidade. O modelo dos EUA, que envolve o uso do inglês, a integração total e a liberdade acadêmica para explorar diversos tópicos, provou ser um sistema eficaz para a construção de relacionamentos duradouros e baseados em valores. Complementando isso, o Programa de Aviadores Habilitados por Idioma (*Language Enabled Airman Program, LEAP*) da Força Aérea desenvolve pilotos equipados com proficiência em idiomas, compreensão e conhecimento regional, permitindo que eles colaborem diretamente com seus colegas latino-americanos

em interesses de segurança compartilhados. O resultado é uma capacidade operacional maior e uma percepção de igualdade, à medida que os latino-americanos testemunham seus próprios filhos e filhas trabalhando como parceiros capazes ao lado das principais forças armadas do mundo – uma conquista inestimável que não pode ser facilmente replicada.

No entanto, a China tem uma vantagem puramente em termos de número de oportunidades, mesmo que a qualidade não corresponda à experiência dos EUA. Para resolver esse desequilíbrio, os EUA precisam buscar caminhos para financiar oportunidades adicionais para que militares internacionais participem de formação militar profissional ao lado de seus colegas americanos. Como os artigos citados anteriormente destacaram, as táticas e os valores que os militares latino-americanos trazem de volta de suas experiências educacionais na China têm um impacto profundo. O mesmo se aplica às suas experiências nos EUA. O aumento da capacidade nas escolas de formação apresenta uma proposta relativamente barata que envia uma mensagem poderosa sobre nosso compromisso com a região – uma mensagem que gira em torno do nosso recurso mais valioso: as pessoas.¹⁷

Ao investir na expansão de oportunidades e na promoção de um envolvimento mais profundo, os EUA podem reafirmar sua dedicação à região e reforçar seus esforços de criação de parcerias. O fortalecimento da dimensão humana de nossos relacionamentos demonstra um compromisso genuíno com o crescimento e a colaboração mútuos. Por meio dessas ações, os EUA podem reforçar seu papel como parceiros confiáveis e capazes, contribuindo para a segurança e a prosperidade sustentadas da região.

A recomendação final para evitar que a concorrência estratégica se torne um jogo em casa é alavancar a vantagem assimétrica significativa que os EUA possuem em termos de economia. Diversos domínios oferecem oportunidades para promover conexões mais próximas e uma identificação compartilhada com nossos parceiros latino-americanos. Da presença de grandes diásporas latino-americanas e caribenhas nos EUA à influência da cultura *pop* e ao compromisso compartilhado com os princípios democráticos na maioria dos países da região, há caminhos para superar o fosso por meio de intercâmbios linguísticos e sociais. Um passo fundamental envolve o aumento do investimento em intercâmbios educacionais em universidades e no ensino médio, utilizando a cultura e a linguagem como ferramentas para diminuir a distância entre nós. Além disso, reforçar a economia do turismo, tanto de entrada quanto de saída, entre a América Latina e os EUA representa outro passo vital para promover interações mutuamente benéficas. Com a maioria da pandemia de COVID no espelho retrovisor e um forte desejo de viagens com experiências para os consumidores, há muitas oportunidades econômicas e sociais favoráveis. É importante reconhecer que abordagens

como essas representam o jogo a longo prazo, exigindo tempo para testemunhar benefícios tangíveis. No entanto, um impacto significativo e resultados duradouros geralmente exigem investimentos significativos ao longo do tempo.

Os esforços da China na América Latina nos obrigam a priorizar algo que deveríamos ter feito o tempo todo – levar nossa própria região a sério. Este ano marca o bicentenário da Doutrina Monroe, que efetivamente declarou um sinal de “proibida a entrada não autorizada” na região. No entanto, é improvável que a história afirme que os EUA dedicaram o nível de esforço necessário para a segurança e a prosperidade compartilhadas de nossos vizinhos. Embora a China tenha capitalizado uma oportunidade, o jogo está longe de terminar, e os dados indicam que o momento é perfeito para um retorno – se estivermos dispostos a nos comprometer a longo prazo em vez de simplesmente dar um passo atrás quando a influência chinesa diminuir. Por meio da cooperação militar e econômica, ao mesmo tempo em que alavancamos elementos comuns, podemos criar uma região mais forte e mais próspera para nós mesmos e nossos vizinhos – sem abrir mão de nada. Nos contentar com qualquer coisa menos do que isso nos enfraquece em casa e prejudica nossas aspirações de segurança e prosperidade tanto no Oriente quanto no Ocidente.

A chave para vencer o jogo fora de casa na concorrência estratégica está em assegurar que ele nunca se torne um jogo em casa. Ao abraçar proativamente nosso papel e fortalecer os relacionamentos dentro da região, podemos nos fortalecer contra influências externas e criar um ambiente resiliente, propício à segurança e à prosperidade compartilhadas. Isso requer um compromisso inabalável de nutrir parcerias estratégicas e trabalhar de forma colaborativa para um futuro mais brilhante para todos. □

Notas

1. Steven Arango, “China Next Door: China Next Door: How the CCP is Reshaping Latin America” (China ao lado: Como o PCC está remodelando a América Latina), CIMSEC, 21 de dezembro de 2022, <https://cimsec.org/>.

2. John S. Van Oudenaren e Benjamin E. Fisher, “Foreign Military Educations as PLA Soft Power,” (Educação Militar Estrangeira como Soft Power do PLA) *Parameters* 46, no. 4 (2016), doi:10.55540/0031-1723.3002.

3. Van Oudenaren e Fisher, “Foreign Military Educations as PLA Soft Power.” (Educação Militar Estrangeira como Soft Power do PLA)

4. Van Oudenaren e Fisher, “Foreign Military Educations as PLA Soft Power.” (Educação Militar Estrangeira como Soft Power do PLA)

5. Van Oudenaren e Fisher, “Foreign Military Educations as PLA Soft Power.” (Educação Militar Estrangeira como Soft Power do PLA)

6. Michael McCaul, “China Regional Snapshot: South America,” (Instantâneo Regional da China: América do Sul] Foreign Affairs Committee (Comitê de Assuntos Estrangeiros), US House of Representatives (Câmara dos Deputados dos EUA), 25 de outubro de 2022, <https://foreignaffairs.house.gov/>.

7. McCaul, “China Regional Snapshot” (Instantâneo regional da China); e Office of the Historian, “Presidential and Secretaries Travels Abroad,” (Viagens presidenciais e viagens de secretários ao exterior) Department of State [Departamento de Estado dos EUA], n.d., <https://history.state.gov/> and <https://history.state.gov/>.

8. McCaul, “China Regional Snapshot.” (Instantâneo regional da China)

9. McCaul, “China Regional Snapshot.” (Instantâneo regional da China)

10. Ryan Dube e Gabriele Steinhauser, “China’s global mega-projects are falling apart,” (Os megaprojetos globais da China estão desmoronando) *Wall Street Journal*, 20 de janeiro de 2023, <https://www.wsj.com/>.

11. Dube e Steinhauser, “China’s global mega-projects are falling apart.” (Os megaprojetos globais da China estão desmoronando)

12. Dube e Steinhauser, “China’s global mega-projects are falling apart.” (Os megaprojetos globais da China estão desmoronando)

13. Yan Jin, “Latin America No “Chess Piece” in America’s Bloc Confrontation,” (América Latina não é “peça de xadrez” no confronto do bloco americano) *China Military Online*, 14 de junho de 2022, <http://eng.chinamil.com.cn/>.

14. Yuliya Talmazan, “Actor John Cena Apologizes to Chinese Audience After Calling Taiwan a Country,” (O ator John Cena pede desculpas ao público chinês depois de chamar Taiwan de país) *NBC News*, 26 de maio de 2021, <https://www.nbcnews.com/>.

15. “What does China’s reopening mean for Latin America? (O que a reabertura da China significa para a América Latina?)” *The Economist*, 18 de janeiro de 2023, <https://www.economist.com/>.

16. “What does China’s reopening mean for Latin America? (O que a reabertura da China significa para a América Latina?)” *The Economist*.

17. Julio Armando Guzmán, “China’s Latin American Power Play: To Counter Beijing, the West Must Invest in People,” (O jogo de poder da China na América Latina: para combater Beijing, o Ocidente precisa investir nas pessoas) *Foreign Affairs*, 16 de janeiro de 2023, <https://www.foreignaffairs.com/>.

Walter H. Ward Jr.

O Sr. Ward é um líder distinto no campo da educação militar e da compreensão social. Atualmente atuando como diretor do Centro de Linguagem e Ciência da Força Aérea (*Air Force Culture and Language Center, AFCLC*) na *Air University*, localizada na Base Aérea de Maxwell, no Alabama, Ward lidera uma equipe dedicada de 65 militares e civis da Força Aérea. Juntos, eles têm um compromisso com o desenvolvimento deliberado aviadores e guardiões, promovendo a interoperabilidade de parceiros e promovendo uma compreensão profunda dos adversários por meio de proficiência em idiomas, experiência regional e educação social. O Sr. Ward se aposentou como coronel, depois de servir como comandante do 317º Grupo de Transporte Aéreo, estacionado na Base Aérea de Dyess, no Texas. Ele comandou seis esquadrões, supervisionando os esforços de 1.200 aviadores, profissionais de manutenção e pessoal de apoio. Sob sua orientação, o grupo operou efetivamente 28 aeronaves C-130J, engajando-se em operações de entrega aérea de combate no mundo inteiro.